

**TECENDO FIOS: MEMÓRIA E COTIDIANO DO INTEGRALISMO NA CIDADE
DE BARBALHA-CE (1933-1950)**

Samuel Pereira de Sousa
Mestrando em História- UECE
samphist@hotmail.com

A nossa proposta de trabalhar com o Integralismo parte das abordagens que contemplam esse movimento quando percebido a partir das suas experiências locais, ou melhor, das suas especificidades. Desta forma, os nossos caminhos foram sendo traçados baseados no cotidiano do Integralismo na cidade de Barbalha. Tal análise possibilita-nos lançar questionamentos acerca de como as práticas cotidianas integralistas ganham sentido nesta cidade; como as pessoas que vivenciaram ou mesmo participaram do Integralismo em Barbalha, (re) constroem o passado deste movimento.

O nosso olhar sobre a memória, ou melhor, sobre os fragmentos de experiências vivenciadas por estes sujeitos, é indiciário, através de fios e rastros que ajudam a nos “orientar no labirinto da ‘realidade’”¹, colhendo os sintomas, indícios e pistas “que combinados ou cruzados, permitem oferecer deduções e desvelar significados”². Possibilidade esta que passa pelo crivo da organização e composição destes rastros, fazendo com que as abordagens tornem-se “tramas decifráveis e coerentes”. Os fragmentos como elemento essencial de historicidade, que emergem de forma “visível/tangível, para recordação do tempo escoado”³.

Ao tratar dos fragmentos da memória, Portelli ressalta que, cada indivíduo é um espectro de grande número de histórias em potencial, os relatos orais tendem a “representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalho, em que os pedaços são diferentes, porém, forma um todo coerente depois de reunidos”⁴.

Apesar das lembranças partirem de sujeitos individualizados elas se concretizam em valores que expressam o social. A memória é emoldurada por uma teia social que qualifica a volta ao passado, trazendo significados e revelando sentimentos.

Através das narrativas de memória buscamos as (re)figurações de uma experiência temporal, pois a História é uma descrição do mundo que não se pauta em certezas absolutas. Caminhamos pelo espaço do possível, do verossímil, daquilo que pode ser

captado, a partir de uma prática que lança questionamentos emanados do presente em busca explicações para as perguntas levantadas sobre o passado, ou melhor, sobre estilhaços do passado, que reluzem de forma irreversível, no momento que são reconhecidos. Prática que não está preocupada com conceitos que figurem a verdadeira face da ‘realidade’ estudada, mas que deduza aspectos de aproximação com esta realidade.

Desnudar o cotidiano do Integralismo nesta cidade, a partir das memórias destes sujeitos, é apreender junto, rememorar dimensões que envolvem o social, o simbólico e o imaginário, [...] “pois, ao narrar, as pessoas estão sempre fazendo referência ao passado e projetando imagens, numa relação imbricada com a consciência de si mesma, ou daquilo que elas próprias aspiram ser na realidade.”⁵

A memória é atingida como uma “dinâmica do lembrar”⁶, que encena tramas, desvenda imagens e faz do passado um processo em movimento. Mas, também, diz respeito à seletividade de olhares preso as experiências vividas.

A análise sobre a oralidade deste movimento pode nos revelar novos atores, principalmente ao trazer para cenas os sujeitos comuns que tomaram parte do movimento, mas, também, deslocar o foco de visão sobre este tema, antes voltado para os grandes centros urbanos⁷. Esta abordagem nos ajuda a perceber como as diferentes experiências integralistas foram incorporadas nas diversas regiões do país. Sendo assim

*[...] as pesquisas com fontes orais permitem o aparecimento de novos sujeitos, incluindo os agentes comuns, pois até então a grande preocupação recaía sobre as formulações teóricas dos líderes integralistas. Enfim, o Integralismo passou, a partir de então, a ocupar o universo de preocupação de alguns estudiosos de compreendê-lo como um acontecimento histórico livre dos conceitos teóricos definidos a priori.*⁸

Desta maneira, traçamos uma linha espacialmente reduzida, mas que nos dá fôlego através de uma análise micro-histórica, possibilitando-nos fazer emergir aspectos até então não explorados. Trata-se, portanto, não apenas em aumentar ou diminuir o tamanho do objeto no visor, mas de modificar sua forma e sua trama. Apostar na análise microssocial e seus questionamentos e experimentos é auscultar que as experiências mais elementares, a do grupo restrito ou até dos indivíduos, é mais esclarecedora porque se inscreve em uma gama de significados que se mesclam ao social e se inscrevem no maior número de contextos diferentes.⁹

Os depoimentos nos possibilitam “redefinições de cronologias que revelam novas ópticas e diferentes interpretações sobre determinados temas ou assuntos¹⁰. Com isso,

apesar do Integralismo ser um movimento interpretado como uma experiência que surgiu em 1932 e se estendeu até 1937, através das análises sobre as narrativas coletadas observamos que em Barbalha extrapolou estas datas, considerando-se que o pensamento integralista e suas práticas, naquela localidade, são mencionados por esses sujeitos, até o final da década de 1940.

O ano de 1933 foi definido como data inicial da nossa pesquisa, devido às leituras feitas através de jornais que, ao descreverem o processo de interiorização do movimento no Ceará evidenciam esta data¹¹.

A vida é assim, até quando a gente chega em uma idade, e agora pra que eu tô vivendo! Eu vivo dizendo que a velhice chega quando os sonhos acabam e a saudade ocupa o lugar deles. Mas, ainda sonho, por incrível que pareça. O Integralismo pra mim é um sonho. Às vezes, fico sentado sem ter o que fazer, aí me bate as lembranças daquele tempo. Fico aqui pensando naquele montão de gente vestidos com a camisa verde, da praça onde nos reuníamos todas as noites, não apenas para falar do Integralismo, apesar de sermos integralistas, era como se fosse uma obrigação diária; das reuniões; dos desfiles; de tudo aquilo, que guardo comigo.¹²

Percebemos que é através das sensibilidades, que o narrador acima, aciona pedaços do passado. Os sonhos juntam-se a saudade, fazendo emergir a necessidade da volta. Essa volta se codifica na fala, nos revelando características desse passado. A memória se constitui por um mecanismo que pode evocar marcas de tempos transcorridos, experimentados, fornecendo vestígios de uma época e trazendo a lume sinais de um passado que não pode mais ser revivido, com tudo, pode ser reinterpretado, reelaborado.

O lembrar para este sujeito é imbuído por estilhaços de tempo que carrega no seu limiar marcas de um cotidiano outrora vivenciado. Não é apenas o Integralismo com suas doutrinas que vem a memória, mas práticas que envolvem-se na construção de alegorias que ganham significados nas narrativas do depoente; as conversas na praça, da camisa verde, desfiles, enfim, como ele mesmo menciona “que guardo comigo”.

Ao mesmo tempo em que existe uma apropriação das lembranças estas ganham sentido no social, coletivo. São valores compartilhados e sancionados pela coletividade.

Ao burilar as narrativas de memória apreendemos fios que nos conectam a fragmentos que dizem respeito ao cotidiano do Integralismo em Barbalha, ou melhor, a partes deste cotidiano. As falas desempenham um papel ímpar para a re-interpretação de aspectos ora esquecidos, quando relacionado às práticas deste movimento em cada localidade que atuou. Dar voz a estes sujeitos é mergulhar em um universo de tramas

instigantes que procuram atingir as percepções dos indivíduos no tempo, colocando-os como construtores dos fatos sociais. O papel do historiador, por sua vez, é ter cuidado, levantar questionamentos, desconfiar das obviedades, para que não se deixem levar “pelos caprichos da memória”.

Remetendo o nosso ângulo de visão sobre as práticas desenvolvidas pelo Integralismo em Barbalha, notamos que existiram instituições importantes para cidade, que serviram como campo difusor das propostas deste movimento. Ao abordar tal proposição, Francisco Renê Granjeiro, disserta sobre o Círculo Operário pontuando que essa,

[...] era uma agremiação católica, os chefes eram Zeca D'arte, Reginaldo Sobrinho, fundador Henrique Lopes, era um político forte, ele apoiava, não era declaradamente integralista, mas facilitava o movimento. Já Zeca D'arte, passou muito tempo sendo presidente do Círculo Operário, era integralista, católico, apostólico, romano. Zeca D'arte, Marche Callou, Virgílio Torres, que foram presidente, eles aderiram ao Integralismo¹³

Levando em consideração a relevância desta instituição na cidade podemos alçar questionamentos sobre os processos de doutrinação que se operavam dentro desta cidade, por parte do Integralismo.

Os Círculos Operários tiveram no Ceará, um papel importante no aspecto de arregimentação operária contra as ideologias subversivas. Isso corrobora quando observado em Barbalha; “[...] aqui a maioria dos operários eram integralistas, onde se tinha calçamenteiros, funcionárias domésticas, funcionários do comércio etc.”¹⁴ Contemplando essa discussão, Antônio Gondim argumenta:

[...] o Círculo Operário teve participação, porque o presidente do Círculo, José de Sá Barreto, era integralista. As questões do Integralismo também eram discutidas dentro do Círculo. Tinham alguns reacionários, mas sem expressão. De modo geral, todos eram integralistas.¹⁵

Outra característica elucidativa que pincela as práticas cotidianas do Integralismo em Barbalha é a participação de padres dentro deste movimento. “O integralismo deu certo em Barbalha devido à espiritualidade do povo, Barbalha sempre foi uma cidade católica e o povo viu o Integralismo como extensão da Igreja Católica”.¹⁶

Em Barbalha o vigário local, José Correia de Lima, desempenhava importante papel dentro do Integralismo, era secretário de educação do núcleo integralista. “Quero

crer que toda aquelas pessoas católicas era influenciada por ele”¹⁷. Neste caso, ao flexionar as memórias dos militantes percebemos papéis singulares desenvolvidos pelo movimento em âmbito local, que sinalizam para o cotidiano deste movimento.

As práticas de doutrinação integralista por esse padre não se dava apenas dentro do núcleo, “Padre Zé Correia visitava toda as terças e quintas-feiras, as escolas da cidade, doutrinando. Ele era integralista”¹⁸.

*Na nossa escola, escola integralista, funcionava também a sede. O padre José Correia orientava. Nas outras escolas ele ia também, quero crer que ele pregava sobre o Integralismo. Todos nós vivíamos o Integralismo. Tudo que iríamos falar o Integralismo estava junto, não dava pra dividir. A igreja via com bons olhos. Como lhe disse, o vigário da freguesia era secretário de educação do núcleo*¹⁹.

Analisando tais práticas recorremos ao livro de crônicas de Odálio Cardoso, onde ele narra um acontecimento no ano de 1950, decorrente ao I Congresso Eucarístico Regional, que ocorrera nesta cidade, cuja organização deste encontro foi desempenhada por muitos ex-militantes do Integralismo local. Odálio ao descrever a abertura desse congresso, refere que:

*[...] o largo da Matriz foi pequeno demais para conter a massa dos comungantes. Nunca vi tanta gente; nem na festa do padroeiro. À noite, “o palanque estava pintado de verde”, tanto eram os antigos integralistas que lá se encontravam. Quem ia falar era dona Margarida Sobreira, professora emérita de Santana do Cariri e esposa do ex-chefe integralista, doutor Cariolando Pontes Vieira, dentista renomado. O tema do discurso era “Deus, Pátria e Família.”*²⁰

A participação da Igreja Católica no Integralismo no caso cearense se colocou como um assunto bastante trabalhado pelos pesquisadores da temática, mas, estas abordagens não tiveram a preocupação de descer até o cotidiano do Integralismo e o significado das práticas encenadas por esta instituição no dia-dia deste movimento. Neste caso tais percepções, que agora são levantadas, nos ajudam a compreender melhor a dinâmica deste movimento.

Apesar das perseguições, no período do Estado Novo, como nos fala o depoente, “foram abrandadas”, por motivos que se entrelaçam a relação de poder, pois as lideranças integralistas eram compostas, na sua maioria, por grupos detentores locais, “aqui era composto exatamente, eu acho, de homens que formavam a opinião pública do município,

tinha influência na opinião do eleitorado, como também, economicamente e socialmente na cidade”²¹.

Continuando sua narrativa, Iônio Sampaio lembra um acontecimento que envolverá seu pai, também militante local onde assim descreve:

Getúlio deu o golpe, veio pra cá policias, não sei se neste tempo existia policia federal, mas policias que perseguia. Meu pai entrava aqui nesta loja, e o soldado, o policial, ficava lá na calçada, quando ele saia pra casa ou pra outro canto, o policial perseguia, acompanhava ele. Foram presas algumas pessoas [...] mas até que um dia, o irmão do meu pai que era oficial do exército, neste tempo ele era capitão [...] meu pai quando saiu daqui, esse policial o seguiu. Ai no caminho, meu pai disse ao irmão dele: Expedito esse policial me segue todos os dias, quando eu saio de casa vou para o trabalho, quando eu saio do trabalho para qualquer outro canto, ele me seguiu para onde eu vou. Ai esse meu tio era capitão do Exército neste tempo, falou com esse policial e disse que ele não devia continuar, e o certo é que depois desse dia o policial foi embora, mas meu pai me contou que foi por algum tempo, não sei se foi uma semana, se um mês, não sei o período que foi seguido por esse policial.²²

São recorrentes, também, nas falas destes narradores, formas de burlar tais perseguições. Isso fica posto no depoimento de José de Sá Barreto,

[...] a escuta do rádio era expressivamente proibida, fomos perseguidos. Ouvir os noticiários alemães, ou qualquer noticiário transmitido da Alemanha, não podia. A gente aqui, pra ter uma idéia sobre o que estava se passando na guerra, íamos escutar o rádio na casa de José Correia, ia na casa dele assistir o rádio todos os dias e a polícia não entrava lá, por que era a casa do vigário, onde hoje é a Praça da Matriz, na Rua Capitão Maciel.²³

O cotidiano é palco de tramas que são apenas decifráveis e perceptíveis através de traços delineados pelas reminiscências. É como desnudar o cotidiano por fragmentos de memória, ora despreziosos, mas que ganham sentido na elaboração do fazer historiográfico, aflorando questionamentos importantes e tingindo olhares sobre o Integralismo.

Tais táticas, da simples escuta do rádio, revestem-se por práticas que permitem enxergar o que se passa nos minúsculos espaços sociais, onde a sutileza joga com o sistema dominante. Instrui-nos Certeau²⁴, “a ordem é jogar”, isto é, por meio da astúcia, driblar o sistema, fingir seu jogo. “Nos reuníamos na casa do vigário. O local onde podíamos sentar tranquilamente, sem nenhum incômodo”²⁵.

A análise social contempladas pela a interpretação a interpretação da memória nos proporciona perscrutar campos mais vastos, onde o narrador/indivíduo circula por espaços

sociais dinâmicos, impulsionando elementos nem sempre considerados no fazer historiográfico.

Com o olhar direcionado para a dinâmica dos sujeitos sociais e seus espaços praticados, suscitamos uma re-interpretação dos locais de atuação do Integralismo em Barbalha a partir das memórias constituídas sobre este movimento, observadas a partir dos processos de divulgação e doutrinação desempenhados pelo o Integralismo junto à população local. Ao recordar tais processos, Antônio Gondim argumenta:

*[...] nós tínhamos inclusive um ambulatório médico. O Dr. Pio que era o chefe integralista e que era o médico. E então, ele atendia nesse ambulatório. Naquele tempo, não tinha assistência social, então o Dr. Pio, atendia praticamente toda a população, pobre e carente. Lá, o Dr. Pio tinha contato com muita gente e ele conversava sobre o Integralismo.*²⁶

Os espaços utilizados pelo Integralismo permeiam toda uma relação de troca de favorecimento. O local de consulta médica também era o do convite para a participação no movimento. Se levarmos em consideração que em Barbalha dos anos de 1930 e 1940 o serviço de saúde se constituía de forma escassa e os cuidados médicos eram regalias de poucos, estes locais praticados se revestiam como espaços importantes para a divulgação de seu pensamento. “Muita gente aderiu o Integralismo por intermédio da figura de Dr. Pio Sampaio, homem santo, bondoso. Ele ia aos sítios de madrugada fazer parto e não cobrava nada”²⁷.

Contudo, a análise sobre as narrativas de memória, destes ex-militantes integralistas de Barbalha, é produtora de significados que se concretizam através dos sonhos, do desejado e experimentado. São maneiras que esses sujeitos sociais atingem o passado, revelando traçados, minúcias e sentimentos; “o Integralismo representou e representa tudo na minha vida”²⁸, ou, “quando lembro do Integralismo me emociono, sou um eterno pliniano”²⁹.

São olhares e sensibilidades, que apesar da idade avançada dos depoentes, não se perderam, quiçá se instrumentalizaram de uma riqueza própria, proporcionada pelo vivido. Vozes trêmulas, que ora são travadas pelo prazer da volta, que externam o choro, as lágrimas, saudades, o silêncio, ora a raiva, “me levaram tudo, bando de covarde. O Estado Novo foi feito na base da safadeza, só me ficou um boininha, que guardo com apreço”³⁰. O que mais nos importa são falas, que deixam fios, tornando a nossa prática

historiográfica dinâmica, inacabada e artesanal, em um processo de montagem para a fabricação de peças que buscam reinventar o tempo.

NOTAS

¹ GINZBURG, Carlo. *O Fio e os Rastros: verdadeiro, falso e fictício*. Tradução de Rosa Ferreira d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p., 9.

² LEVI, Giovanni. Sobre Micro-História. In: *A Escrita da História: novas perspectivas*. BURKE, Peter (org.). Tradução de Magda Lopes. São Paulo: EDUNESP, 1992. p, 154.

³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultura*: Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p, 54.

⁴ PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: *Projeto História*, São Paulo: PUC, n. 15, 1997, pp. 13-49. p, 35.

⁵ ALBERTI, Verena. *Ouvir e Contar: texto em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p, 34.

⁶ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo e identidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p, 60.

⁷ REGIS, João Rameres. *Integralismo e Coronelismo: interfaces da dinâmica política no interior do Ceará (1932-1937)*. 2008. Tese (Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro).

⁸ Idem. p, 20.

⁹ BRUSANTIN, Beatriz Miranda. *Anauê Paulista: um estudo sobre a prática política da primeira cidade integralista do estado de São Paulo*. 2004. Dissertação (Programa de Pós-Graduação da Universidade Capinas).

¹⁰ DELGADO, op.cit. p, 19.

¹¹ “Hontem, às 21,30, chegou a esta capital, pelo o trem horário, o Capitão Jeovah Motta, de regresso da sua entrada pelo o sertão, em propaganda do ideal integralista e da Legião Cearense do Trabalho [...] em Crato, Iguatu, Juazeiro do Norte e Barbalha, operou-se um movimento intenso de sindicalização”. O NORDESTE. Fortaleza- CE, p.9, 05 de jul. 1933.

¹² SAMPAIO, A.G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [fev.2009].

¹³ GRANJEIRO, F. R. Francisco Renê Granjeiro. Depoimento [jun.2006]

¹⁴ SAMPAIO, J. C. Joaquim da Cruz Sampaio. Depoimento [jun.2008].

¹⁵ NEVES, N. T. Napoleão Tavares Neves. Depoimento [mai.2006]

¹⁶ NEVES, N. T. Napoleão Tavares Neves. Depoimento [mai.2006]

¹⁷ SAMPAIO, A.G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [nov. 2005].

¹⁸ GRANJEIRO, F. R. Francisco Renê Granjeiro. Depoimento [jun.2006].

¹⁹ SAMPAIO, A.G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [ago. 2006].

²⁰ ALENCAR, Odálio Cardoso. *Recordações da Comarca*. [S.I. s.n.]. [ca. 1960]. p, 184.

²¹ SAMPAIO, I. Iônio Sampaio. Depoimento [ago. 2008].

²² SAMPAIO, I. Iônio Sampaio. Depoimento [ago. 2008].

²³ BARRETO, J. S. José de Sá Barreto. Depoimento [set. 2007].

²⁴ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: a arte de fazer*. Tradução de Ephrain Ferreira Alves. Petrópolis- RJ: Vozes, 1994.

²⁵ GRANJEIRO, F. R. Francisco Renê Granjeiro. Depoimento [jun.2006].

²⁶ SAMPAIO, A.G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [ago. 2006].

²⁷ BARRETO, J. S. José de Sá Barreto. Depoimento [set. 2007].

²⁸ SAMPAIO, I. Iônio Sampaio. Depoimento [ago. 2008].

²⁹ SAMPAIO, A.G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [ago. 2006].

³⁰ GRANJEIRO, F. R. Francisco Renê Granjeiro. Depoimento [jun.2006].

BIBLIOGRAFIA

-
- ALBERTI, Verena. *Ouvir e Contar: texto em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALENCAR, Odálio Cardoso. *Recordações da Comarca*. [S.I. s.n.]. [ca. 1960].
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade, lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1994.
- BRUSANTIN, Beatriz Miranda. *Anauê Paulista: um estudo sobre a prática política da primeira cidade integralista do estado de São Paulo*. 2004. Dissertação (Programa de Pós-Graduação da Universidade de Capinas).
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: a arte de fazer*. Tradução de Ephrain Ferreira Alves. Petrópolis- RJ: Vozes, 1994.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo e identidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GINZBURG, Carlo. *O Fio e os Rastros: verdadeiro, falso e fictício*. Tradução de Rosa Ferreira d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana*. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 2003.
- LEVI, Giovanni. Sobre Micro-História. In: *A Escrita da História: novas perspectivas*. BURKE, Peter (org.). Tradução de Magda Lopes. São Paulo: EDUNESP, 1992.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultura*: Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: *Projeto História*, São Paulo: PUC, n. 15, 1997, pp. 13-49.
- REGIS, João Rameres. *Integralismo e Coronelismo: interfaces da dinâmica política no interior do Ceará (1932-1937)*. 2008. Tese (Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro).